

## CONCEPÇÕES DE GRUPO E PRÁTICAS DE BULLYING: A ESCOLA COMO PALCO DOS SINTOMAS SOCIAIS

Camila Iolanda Frias Medeiros

Pedro Teixeira Castilho

A escola tem papel fundamental no processo de constituição do sujeito. As interações e vínculos que ali estabelece com o Outro compõem sua identidade através do discurso e das relações de poder que demarcam esse contexto, que apresenta-se como um importante elemento de subjetivação. Tendo como foco os estudantes adolescentes e sua associação à grupos nos espaços escolares, é possível caracterizar relevantes aspectos presentes nesses laços, assim como suas influências no comportamento dos jovens, indicando elementos para melhor compreensão da dinâmica de funcionamento dos processos grupais.

O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre os processos de formação de grupos na escola e as práticas de bullying, tendo em vista a percepção dos estudantes. Destacando o bullying através de sua interface enquanto fenômeno de violência praticada por um grupo contra as vítimas, torna-se possível a compreensão de aspectos relacionados às influências dos fatores que caracterizam comportamentos dos sujeitos na coletividade, buscando contribuições capazes de dar novos sentidos às ações de prevenção e enfrentamento à esses conflitos. Diante do cenário atual, o bullying apresenta-se como um desafio à toda comunidade escolar, pois aponta a vulnerabilidade dos atores e laços estabelecidos nesse espaço, assinalando sintomas sociais e revelando possíveis articulações com aspectos presentes em esferas mais amplas de mal-estar social.

Para Freud, no texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) quando associados à um grupo, os indivíduos passam a agir de forma diferente de sua identidade isolada, tomados por uma mente coletiva e pela influência hipnótica que esse exerce sob seus membros. Caracteriza-se assim o contágio, sendo definido como um fenômeno presente nas massas e em sua orientação; sendo de fácil constatação, mas ao mesmo tempo, inexplicável. Tal energia entre os integrantes de um grupo constitui-se como um poder invencível, onipotente. O autor aponta ainda que há sacrifício dos interesses pessoais diante do interesse coletivo; as emoções são intensificadas, e os sujeitos arrastados por um impulso comum:

Um grupo é extremamente crédulo e aberto à influência; não possui faculdade crítica e o improvável não existe para ele. Pensa por imagens, que se chamam umas às

outras por associação (tal como surgem nos indivíduos em estados de imaginação livre), e cuja concordância com a realidade jamais é conferida por qualquer órgão razoável. Os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhece a dúvida nem a incerteza. (FREUD, 1969, p.50).

A sugestionabilidade presente em tais relações coletivas apresenta-se como tendência de transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas de maneira mais impulsiva, influenciável, volúvel e excitável (Freud, 1969). A identificação com o Outro promove o vínculo social, sublinhando estados de amor e hipnose que leva os sujeitos a agirem, muitas vezes, no sentido de degradação moral, de modo irracional e intolerante. Esses mecanismos “operam no sentido do desinvestimento em um processo de singularização, já que promovem uma espécie de uniformização, às vezes, inacreditavelmente forte”. (Teixeira, 2002, p.197).

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais - as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. - podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade. (FREUD, 1969 p.80)

A ambivalência emocional também está presente em tais processos de identificação, uma vez que caracteriza-se por sentimentos conflituosos presentes nas interações humanas: "*descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente*" (FREUD, 1950, p.48). No texto Totem e tabu (1913), Freud aborda a ambivalência emocional enquanto tendências opostas que demonstram que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente, sentimentos contrários de existência concomitante. Tal ambiguidade, ainda de acordo com o autor, apresenta-se, na horda primitiva, através dos processos de identificação entre membros da irmandade, devido à força libidinal.

Nessa perspectiva, sentimentos de amor são compartilhados entre os membros do grupo por meio da libido, que os mantém unidos. Entretanto, essa união em torno do amor produz, por outro lado, um grupo excluído, uma vez que tais membros também apresentam sentimento de ódio e indiferença, que são especificamente direcionados aos integrantes de grupos rivais, constituindo-se assim os processos de segregação. Guimarães e Celles (2007) destacam a noção de narcisismo das pequenas diferenças proposta por Freud, caracterizando-a no grupo como o esforço para eliminar as diferenças em seu interior, supervalorizando uma identidade coletiva e reconhecendo a desconformidade somente no que lhe é externo. Esse narcisismo grupal, que busca unificação entre os sujeitos, produz preconceito e intolerância.

Percebe-se com isso a iminência do sintoma social, não sendo oposto ao sintoma particular mas referindo-se à uma forma de laço social, com tendência a tomar a forma da cultura no qual está inserido, refletindo *"uma organização subjetiva que contém uma mensagem e sinaliza processos sociais e particulares de sua forma de advir como sujeito"* (ROSA, 2004,p. 339). Esse mal-estar cultural perpassa as relações humanas em todas as esferas sociais, demarcando e caracterizando os comportamentos dos sujeitos no grupo. Especialmente enfatizando-se a esfera escolar, torna-se necessário analisar e compreender a maneira como os estudantes trazem as representações incorporadas socialmente, que manifestam-se em forma de conflitos e preconceitos entre pares dentro das instituições educativas (Coelho e Silva, 2015).

A violência apresenta-se como um elemento de manifestação do mal-estar cultural que revela tensões, fragilidade e desamparo entre os atores escolares, revelando formas de sofrimento entre esses sujeitos. Nesse sentido, o bullying apresenta-se através das ações de intimidação, ameaça e coerção:

Todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. (ABRAPIA, 2000, p.02)

Na maioria dos casos, o bullying é praticado em grupo, onde os agentes atuam impulsivamente, sendo movidos unicamente pelo inconsciente; agressivos e onipotentes. Assim, esses sujeitos enquanto componentes da massa perdem suas inibições individuais e despertam todos os instintos destrutivos que estavam adormecidos (Queiroz e Térzis, 2012). Muitas vezes negam e anulam seu próprio eu, sua ética e ideais para pertencerem ao grupo, buscado aceitação, mesmo que esse apresente atitudes inadequadas, incoerentes e inconsequentes.

Diante das práticas de bullying é possível destacar suas consequências às vítimas através de danos físicos e psicológicos significativos, demarcando seus efeitos nocivos e prejudiciais, assim como outros problemas para o sistema educativo, em uma visão mais abrangente. Respostas como evasão escolar e desinteresse dos estudantes refletem a gravidade desses problemas para o processo de ensino-aprendizagem.

As manifestações da violência no contexto escolar revelam sérios impactos, e, compreender o grupo enquanto fator estruturante na vida dos sujeitos pode contribuir para a transformação dessa realidade. Dessa forma, busca-se proporcionar contribuições teóricas e planos de ação que valorizem a escola como um espaço de suma importância para a formação humana, onde os sujeitos constituem suas representações; podendo também naturalizar violências e preconceitos que os seguirão em suas trajetórias.

A idéia é buscar ações que visem promover o estreitamento dos laços emocionais entre os sujeitos no grupo, de modo que as identificações entre eles atuem como mecanismos de combate às ações de violência e fortalecimento de vínculos, a partir da aposta em experiências coletivas de troca e resistência, para a construção de um saber que ofereça alternativas capazes de promover um ambiente educativo mais harmonioso, com vínculos pautados pelo respeito entre os estudantes.

### Referências Bibliográficas

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional De Proteção à Infância e à Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre adolescentes**, 2000. Disponível em: <http://www.acterj.org.br/downloads/arquivo/doc-154.pdf> .

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. Preconceito, discriminação e sociabilidades na escola. **Educere et Educare**. Vol. 10 Número 20 - Jul/ Dez. 2015. p. 687 - 705. UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12606>

FREUD, S. (1950). Totem e tabu. In **Sigmund Freud, Edição standard brasileira das obras completas**. (vol. 13, p. 07-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913~1914)

FREUD, S. (1969). Psicologia de grupo e análise do ego. In **Sigmund Freud, Edição standard brasileira das obras completas**. (vol. 18, p. 43-90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

FREUD, S. (1974). Por que a guerra? (J. Salomão, Trad.), edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas** (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932).

GUIMARÃES, V. C.; CELES, L. A. M.. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 341-346. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a14v23n3.pdf>

QUEIROZ, Renata; TÉRZIS, Antonios. O bullying como fenômeno psíquico produzido no grupo. **Anais do II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**. PUC Campinas, setembro de 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10672367-O-bullying-como-fenomeno-psiquico-produzido-no-grupo.html>

ROSA, Miriam D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza. V. IV / N. 2 / P. 329 - 348 / SET. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26507245\\_A\\_pesquisa\\_psicanalitica\\_dos\\_fenomenos\\_sociais\\_e\\_politicos\\_metodologia\\_e\\_fundamentacao\\_teorica](https://www.researchgate.net/publication/26507245_A_pesquisa_psicanalitica_dos_fenomenos_sociais_e_politicos_metodologia_e_fundamentacao_teorica)

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. In: **Revista Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 195-200, Jul./Dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/TZwSrL9vQQVQZGW5qRcVm5n/abstract/?lang=pt&format=html>